

SOBRE A IMPOSIÇÃO DE NOVAS REGRAS DE VERIFICAÇÃO DE TOLAIM

Or le26 Tevet, 5783

Rav Dr. Moshe Gancz

Diversos alunos brasileiros me chamaram a atenção para uma carta que foi recentemente divulgada com novas orientações sobre verificação de tolaim e me foi pedido uma posição sobre as seguintes questões:

- a) Se é verdade que atualmente os alimentos estão mais infestados por algum motivo, em particular com infestações de micro-parasitoides (e.g. microhimenópteros) que não existiam antigamente.
- b) Se quem descumprir qualquer uma das recomendações da carta estará incorrendo em alguma proibição da Torah ou proibição de Rabanan ou se essas recomendações são apenas uma estringência (chumra) que não é de forma alguma obrigatória para um judeu religiosamente a Deus. Além disso, se há visões divergentes, onde encontrá-las.
- c) A minha opinião sobre a carta.

A – O que os antigos falavam sobre os micro-parasitóides (e.g. microhimenópteros) e se é verdade que atualmente os alimentos estão infestados por micro-parasitóides que não existiam antigamente.

A principal premissa por detrás dessa pergunta é entender se estamos de fato diante de uma situação completamente nova ou se estamos diante de uma reforma na maneira de olhar para uma situação que sempre existiu.

A1 – A prática no período do Talmud e dos Rishonim

De fato, quando olhamos para o Talmud e para os rishonim, não encontramos discussões sobre microparasitóides quando o assunto é tolaim. Por exemplo, em Chulin 67b, há uma discussão sobre frutas e leguminosas e folhas sequer são discutidas. Quanto aos insetos mencionados, somente são mencionados insetos grandes e facilmente vistos a olhos nus por uma pessoa normal. O mesmo acontece em Makot 16b, quando se fala em tolaim como a lagarta, vespa e formiga.

Se, por um lado, não há menção no Talmud sobre micro-parasitóides, por outro, há exemplos de alimentos que os contém e, ainda assim, eram consumidos normalmente. Por exemplo, em Chulin 6a, enquanto o Am haAretz não é confiável para questões de terumot e maaserot, ele o é para algum alimento no qual ele usou dill e outras folhas. Isso significa que a verificação feita por um Am haAretz era suficiente para que um Talmid Chachamim possa comer.

Um outro exemplo aparece em Berachot 16a. Nessa página, o Talmud discute em detalhes qual é o tempo que um trabalhador pode destinar para fazer suas rezas. Por detrás da discussão, a necessidade de um equilíbrio entre as obrigações religiosas do trabalhador e a necessidade do seu rendimento no trabalho para o seu empregador. Conclui-se, por exemplo, que até mesmo a última berachah do Birkat haMazon não é recitada, terminando em Boneh Yerushalaim. Apesar disso, há

explicitamente um passuk que diz que um trabalhador no campo pode comer uvas a vontade (Devarim 23:25). Isso é halacha que vale para outros produtos da terra e que é discutida em detalhes em Baba Metzia (87a-93b) e é codificada no Shulchan Aruch (Choshen Mishpat 337).

É halacha explícita da Torah que o trabalhador do vinhedo podia comer uvas ao longo do trabalho. Mas, se o trabalhador sequer podia fazer o Birkat haMazon completo, como ele poderia parar e fazer uma verificação detalhada para encontrar micro-parasitóides?

Um último exemplo, a Mishnah em Baba Batra (6:2) diz que quando a pessoa compra itens em quantidade, ela aceita que um percentual naturalmente virá em um padrão abaixo do desejável. Um dos exemplos que a Mishnah oferece é o do figo, dizendo que é aceitável que de cada 100 figos, 10 estejam com tolaim. Apesar disso, em Avodah Zarah 30b, Rabi Eliezer diz que apesar de haver um receio de que uma cobra poderia ter destilado seu veneno no figo, é permitido comer figo a noite, mesmo que não se consiga ver. Assim é a halacha prática no Mishneh Torah (Sefer Nezikin, Hilchot Rotzeach uShemirat haNefesh 12:3). Assim fala o Rif, o Rashba, o Smag, o Tur e outros. **NENHUM** deles sequer levanta o problema de tolaim. Como seria possível fazer uma verificação extremamente detalhada se estava tudo escuro e a pessoa não podia nem mesmo ver?

O mesmo vale para os trabalhadores do campo que podem comer figo, mas estão proibidos de descascá-lo. (Tossefta Baba Metzia Cap 8, Halacha 5 bem como no Talmud Yerushalmi Baba Metzia, Cap 7, Halacha 2)

CONCLUSÃO – Nem o Talmud nem os rishonim discutem micro-parasitóides e, além disso, comiam folhas e frutas sem levá-los em consideração.

A2 – Microscópio, Entomologia e Acharonim

No século XVII, vemos a popularização do microscópio e o advento da entomologia (ciência que estuda os insetos). No século seguinte, Anton van Leeuwenhoek publica seu estudo sobre a embriologia dos afídios, descobrindo que faziam partenogênese. É justamente nesse período que vemos um interesse dos acharonim sobre esses animais e aqui vemos uma imensa discussão sobre qual é o status desses animais, quando eles podem ser ignorados e quando não. Algo que sobressai nessas primeiras teshuvot sobre o tema é que os rabinos afirmam categoricamente que antigamente não se sabia da existência desses bichos.

Em linhas gerais, a discussão se dá sobre o status haláchico desses pequeníssimos insetos. Em primeiro lugar, se pergunta se a existência desses micro-parasitóides tem qualquer implicação. Por exemplo, desde o Sinai até o século XVII, judeus em todos os lugares comiam Maror. O que falar sobre todas as gerações, dos profetas até o Rav Yosef Karo? Devemos dizer que eles comiam tolaim beShogeg?

Detalhar cada aspecto dessa discussão seria matéria de um livreto inteiro e não cabe no escopo dessa carta, cujo objetivo é oferecer em linhas gerais para meus alunos e amigos uma luz diante do que está acontecendo. Contudo, irei falar um pouco sobre a halacha no próximo item.

A3 – A natureza mudou

Ouvi de alguns de meus alunos que **hoje em dia** há rabinos que defendem seriamente que os micro-parasitóides que abundam hoje não existiam antigamente. Supostamente, o motivo seria a “queda das gerações”, um fenômeno que faz que uma geração seja inferior a geração anterior e o nível de espiritualidade esteja sempre diminuindo de uma geração com relação à anterior. De acordo com essa visão, há uma relação de causa e efeito (ou, no mínimo, uma correlação) entre o

nível espiritual e os tolaim: quanto mais decadente é a espiritualidade, mais tolaim são encontrados.

O corolário dessa teoria é que antigamente, no período da Mishnah, do Talmud, dos Geonim, dos Rishonim e até do Shulchan Aruch, o nível espiritual era alto o suficiente para não haver tolaim.

Contudo, logo após a popularização do microscópio e o interesse científico pelos micro-parasitoides houve uma grande queda nas gerações e esses tolaim décadas depois passaram a infestar os alimentos, levando os rabinos a discutir o novo fenômeno.

Outros, oferecem alternativas mais materiais como a globalização, que trouxe produtos estranhos à fauna local ou ao uso de inseticida que indiretamente contribuiu para o aparecimento de certas espécies de tolaim.

Me dói ter que dizer de forma direta e clara, mas sou obrigado a fazê-lo. No passado, os rabinos eram respeitados pela sua sabedoria da Torá bem como pelo seu conhecimento científico e filosófico. Eles dominavam diferentes idiomas e certamente sabiam o idioma da língua franca de onde viviam. Hoje em dia, boa parte dos rabinos é incapaz de sequer ler e compreender um mísero artigo científico. Enquanto, por exemplo, o Ralbag (Rav Levi ben Gershon) inventou o astrolábio, acreditava (ainda que sem provas) que Pi era irracional (a prova só foi feita por Johann Lambert em 1767) e apresentava uma lógica modal para defender a quarta figura silogística, há rabinos hoje que não sabem nem as regras do silogismo, são ignorantes em estatística e não têm o domínio sequer das ciências preparatórias que, de acordo com o Rambam são *conditio sine qua non* para o estudo de Torá em seu nível mais elevado.

Quem quer que diga que antigamente não havia esses animais ou que a quantidade deles era radicalmente diferente, faltou as aulas de biologia da escola e não sabe como funciona um ecossistema. Não é espantoso, dado que o estudo de biologia é considerado proibido em várias escolas religiosas. Qualquer um que faça uma rápida pesquisa, irá se deparar com a **palaeoentomologia**, que é uma ciência que estuda os fósseis de insetos e sua relação com o ecossistema local bem como sua variação em função das mudanças ambientais. Verifica-se, portanto, a existência de um ecossistema no qual esses micro-parasitóides eram parte inerente assim como são hoje e tanto seus fósseis quanto de seus predadores são encontrados¹.

CONCLUSÃO: A existência dos micro-parasitóides não é uma novidade e tanto sua existência como sua mudança em função de variações ambientais são estudadas e conhecidas. Não podemos, portanto, ignorar que esses insetos existiam antigamente.

¹ Vou trazer alguns exemplos de artigos para quem se interessar. A. G. Ponomarenko and D. E. Shcherbakov. “New Lacewings (Neuroptera) from the Terminal Permian and Basal Triassic of Siberia,” *Paleontological Journal*. vol. 38, suppl. 2, 2004, D. Grimaldi, A. Shmakov, N. Fraser. “Mesozoic Thrips and Early Evolution of the Order Thysanoptera (Insecta),” *Journal of Paleontology*. Sept. 2004; Kindlmann, P., Dixon, A. F. G., Michaud, J.P. *Aphid Biodiversity under Environmental Change: Patterns and Processes*. Springer, 2010; A.G. Kirejtshuk & A. Nel. “The oldest representatives of the family Coccinellidae (Coleoptera:Polyphaga) from the Lowermost Eocene Oise amber (France), *Zoosystematica Rossica*. 21(1), St. Petersburg, July 2012

B - Se quem descumprir qualquer uma das recomendações da carta estará incorrendo em alguma proibição da Tora ou proibição de Rabanan ou se essas recomendações são apenas uma estringência (chumra) que não é de forma alguma obrigatória para um judeu religiosamente a Deus. Além disso, onde encontrar as visões divergentes.

Houve quem chegou a mim com um certo desespero, pois não queria passar por uma proibição da Tora, mas agora não sabia exatamente o que verificar, como verificar e o que fazer com as compras do mês já feitas. Pior ainda, teve quem **jogou fora** quase um salário-mínimo em compras por acreditar que usar as hortaliças significaria algo mais grave do que fritar um hambúrguer kasher, colocar no pão, juntar com uma fatia de queijo e comer. Infelizmente, há um desconhecimento geral sobre as halachot e me dói ver as pessoas se desesperando por algo que um pouco de conhecimento as faria retornar para uma condição segura do ponto de vista religioso e tranqüila do ponto de psicológico.

Todo aquele que queira aprender halacha precisa sempre ter claro quais são os elementos para uma situação ser de Oraita (da Torá), quais são os elementos que fazem tal coisa ser uma situação de Rabanan, quando aquilo é um costume (e, no caso, o quão antigo ele é e quem o pratica) e quando algo é uma chumra (estringência) feita por um ou outro grupo.

B1 – Halacha da Torá, Halacha de Rabanan e Safek

Tal distinção é muito importante pois se há alguma dúvida com relação a algo que possa ser uma proibição da Torá, pela Torá é permitido fazermos essa coisa, mas de Rabanan é proibido. Daí vem a halacha que Safek de Oraita, lechumrah. Essa é uma halacha de Rabanan. Contudo, se há uma dúvida com relação a algo que possa ser uma proibição de Rabanan, é permitido fazermos

essa coisa. Essa é a halacha de que Safek deRabanan, lekulah. Contudo, se há duas dúvidas distintas sobre uma coisa cuja proibição possa ser da Torá, também é permitido pois a primeira dúvida faz que o status da situação mude de uma proibição da Torá para uma proibição deRabanan e a segunda dúvida faz que a coisa seja permitida.

Sobre o assunto em questão, devemos em primeiro lugar entender qual é a proibição da Torá e qual é a proibição deRabanan. Pensemos, então, em um tolah:

1 – A proibição pela Torah é a de comê-lo quando ele é reconhecido e está diante de você. Diferentemente de outras proibições da Torah onde a punição (malkut) se dá a partir de um kazait (volume de uma azeitona), se o animal comido diante da pessoa e intencionalmente estiver inteiro (Beriah), também há punição, mesmo que ele seja menor do que o volume de uma azeitona. Ainda pela Torah, caso ele se misture com outras coisas, ele se anula da mesma maneira que as outras proibições.

2 – Caso ele tenha se misturado com outras coisas, a proibição é deRabanan enquanto ele estiver inteiro pois há um din deRabanan que se aplica a uma Beriah (criatura inteira). Esse din dá um status especial fazendo que a anulação que normalmente seria por gosto (e, quando não há quem possa provar de forma permitida, por 60x a quantidade) não se aplique deRabanan (ainda que deOraita seja permitido).

3 – Quando o tolah nasceu embrenhado no item e com certeza não saiu, por exemplo, no caso do queijo ou de água diretamente do poço ou no caso de frutas, desde que elas tenham sido colhidas, eles são permitidos tanto pela Torá quanto deRabanan. (Shulchan Aruch 84)

4 – Quando o tolai perde qualquer uma de suas partes, ele deixa de ter o status de beriah e sua mistura com outros alimentos é anulada por gosto, assim como as outras misturas proibidas.

B2 – Quando precisa e não precisa verificar e o que acontece se não verificarmos?

Se algo nunca ou quase nunca tem tolaim, não é necessário fazer nenhuma verificação pois dizemos que há uma chazakah (presunção).

Se algo tem tolaim, ainda que não na maioria dos casos, temos obrigação de verificar e, bedia vad, caso não verificarmos, a comida é permitida sem verificar. Essa situação de infestação minoritária é chamada de Miut haMatzui.

Se algo tem tolaim na maioria dos casos, temos obrigação de verificar e se não verificamos, a comida é proibida até que se verifique completamente.

B3 – Quem não segue as chumrot do Rav Vayeh está completamente dentro da halacha

Micro-parasitoides e demais tolaim muito pequenos, que não são encontrados por uma pessoa normal sem treino, não entram em nenhuma discussão no Talmud e nem são assunto de discussão entre os rishonim. Na visão do Rav Vayeh, além de considerar diferentes chumrot sobre Miut haMatzui, ele considera que um minúsculo ponto, imperceptível a uma pessoa normal sem treino, mas que uma pessoa treinada consiga perceber e, depois, com um instrumento de auxílio/ampliação, ela saiba que aquele ponto é um micro-parasitoide, isso é proibido.

Aplicando um limiar de Miut haMatzui baixo e clamando pela necessidade de verificar todos os pequeníssimos pontos, a visão do Rav Vayeh implica em uma prática extremamente estrita e restritiva no tocante às frutas, folhas e grãos. Contudo, não há nenhuma obrigação de seguir essa visão bastante estrita.

Há diversos motivos para tanto. Irei elencar alguns deles, deixando claro que há ainda outros ângulos que poderiam ser acrescentados, mas não o faço pois exigiria uma discussão ainda maior da questão e os motivos dados a seguir já são mais do que suficientes.

Vamos considerar que estamos falando de algo que na maioria das vezes tenha tolaim. Esse produto tem chazakah de ter tolaim e devemos, portanto, verificar. A pessoa olhou para o produto, viu com atenção e lavou como se fazia normalmente antes da chegada das novas chumrot. Não achou tolaim.

Ao olharmos e não vermos, já saímos de qualquer proibição da Torá, pois se cria a primeira dúvida se de fato há tolaim. Mesmo se quisermos dizer que ainda há tolaim, ao lavarmos com cuidado, estamos criando uma segunda situação que reforça a dúvida se há ou não tolaim. E, mesmo se dissermos que a lavagem não conseguirá remover os micro-insetos todas as vezes, ela conseguirá fazê-lo na maior parte das vezes. Isso já muda completamente a situação de uma chazakah que há tolaim para miut haMatzui ou para que tenha chazakah de estar sem tolaim.

Além disso, mesmo que ainda haja algum micro-parasitoide, é possível que o status de beriah não seja aplicável a ele e isso gera mais um safek (mais uma dúvida). (Mishkenot Yaakov, Yoreh Deah, Siman 36; Pitchei Teshuvah Yoreh Deah 100:1; Yad Yehuda Siman 69; tanto o Chazon Ish, Yoreh Deah 1, Ot 6 quanto o Rav Moshe Feinstein Iggerot Moshe, Helek 4, Yoreh Deah, Siman 2 trazem isso como possibilidades. Há ainda de assinalar o argumento do Kriti uPliti

Yoreh Deah 100:2 que diz que se o inseto sempre cresceu junto com uma fruta após ela ser colhida, ele não tem din de beriah pois beriah necessita sempre ter sido proibida e um tolach que cresceu a partir de uma fruta já colhida só fica proibido uma vez que saia e, portanto, não tem din de beriah e também de Rabanan se anula como o resto das proibições. O Rav Ovadiah Yosef diz que é óbvio que podemos considerar isso como uma dúvida quando houver mais uma outra para reforçá-la)

Mais uma dúvida existe ao considerarmos que mesmo que o status de beriah seja aplicável a ele, talvez a halacha seja como diversos rishonim que dizem que há anulação perto de mil. (e.g. Hagaot Ashri Avodah Zarah, cap. 5, Siman 11 que traz em nome do Bahag; Raavad, trazido no Chidushei Ramban e Rashbah à Massechet Chulin 97b; Rif, trazido pelo Rabeinu Yeruham, Toledot Adam veChavah, Netiv 15, Helek 5, Ot 29).

Ainda, é possível que seja algo cujo tolach tenha crescido após o alimento tenha sido colhido (isto é, talush) e não tenha saído. Ainda, vale destacar que em situação de dúvida se o inseto é ou não talush, até mesmo uma dúvida que seja fraca – por exemplo, dizer que talvez não haja tolaim em uma situação de chazakah, mas que não haja 100% de certeza, o Rav Ovadiah Yosef considera que é possível considerar como um segundo safek (Issur veHeter vol 2, pag 209)

E, finalmente, se formos colocar ao fogo, é possível que se desfaça e se anule e isso conta como mais uma dúvida (e.g. Shut Yad Yosef, Siman 124, que traz em nome do Chatam Sofer que se pode cozinhar uma fruta que haja safek se ela tenha tolaim pois junta-se com o safek que talvez se desfaça com o cozimento)

Estamos diante, portanto, de diversos sfekot e isso é mais do que suficiente para permitir o consumo após lavagem e verificação como se faz normalmente. E, assim escrevem diversos acharonim nos dias de hoje, como o Rav Dov Lior (Rabino chefe de Kiriath Arba), Rav David

Shelouche z”l e seu filho Rav Yehuda (rabino chefe de Netanya), Rav Ratzon Arussi (Rabino chefe de Kiriat Ono), Rav Eliezer Melamed (Rabino chefe de Har Beracha), Rav Meir Mazuz (Rosh Yeshivah da Yeshivah Kisse Chachamim), Rav Yaakov Peretz (Rosh Yeshivat Midrash Sefaradi, Rosh Kollel Heichal Pinchas e Rav em Neve Yaakov), somente para falar alguns.

Finalmente, podemos resumir a halacha como o faz o Rav Yosef Kapach (Comentário ao Rambam, Issurei Biah 2:15) dizendo que a Torah foi dada para seres humanos e não para anjos, que pela halacha não ficamos considerando coisas sendo a priori proibidas e para essas questões de halacha consideramos o que está diante de nossos olhos. De modo prático, ele diz que uma vez que a verificação e lavagem/limpeza foi feita, não havendo tolaim a vista, está permitido.

Conclusão: A halacha prática não exige as chumrot que o Rav Vayeh exige e que a carta quer obrigar as pessoas a fazer. Há suficientes motivos na halacha para que a pessoa possa continuar com a sua prática cuidadosa como vinha fazendo até o momento, sem que isso diminua em qualquer grau ou aspecto, inclusive espiritual, o comprometimento e seriedade no cumprimento da halacha.

B4 – Nunca ou muito raramente acho tolaim, mas ainda dizem que tenho obrigação de verificar. Tenho mesmo?

Tenho certeza que alguém já se deparou com o que descrevi no título: um determinado guia de kashrut claramente fala que somos obrigados verificar um alimento, mas na prática, mesmo com uma verificação detalhada, raramente ou nunca encontramos qualquer problema. Por que, então, há necessidade de verificar?

A pergunta mais correta é a seguinte: **a partir de qual grau de infestação temos que verificar os alimentos?**

Como vimos no início desta segunda parte, somente quando há **miut haMatzui**, temos obrigação de verificar. Estabelecer essa quantidade, portanto, é extremamente importante. Na prática, o que acontece é que a recomendação do autor de um manual de verificação que existe em português (Verificação dos Alimentos segundo a Torá, do rabino Moshe Vayeh) exige a verificação, mesmo em quantidades muito pequenas e muito para além do exigido pela halacha. Tudo gira em torno do que é **miut haMatzui**.

O conceito de miut haMatzui é muito importante pois ele é uma medida a partir da qual somos obrigados a verificar. Se a quantidade de infestação for menos do que isso, não há qualquer obrigação de verificar e se houver tolaim (que a pessoa comeu sem saber), **não há qualquer transgressão, seja pela Torah, seja de Rabanan**. Isso quer dizer que quanto mais alto for o limiar para dizermos que há o status de miut hamatzui, mais alimentos a pessoa poderá cozinhar sem preocupação. Contudo, esse conceito é motivo de enorme discussão pois:

- a) ele não aparece no Talmud relacionado com halachot de Tolaim;
- b) ele não é definido por boa parte dos rishonim
- c) não é claro sobre o que calculamos nem qual o valor que usamos.

O Rav Izhak ben Sheshet (Rivash, um dos rishonim) define miut haMatzui como sendo próximo da metade. Não há uma definição exata em valores percentuais, além de ser claro que é menos da metade. O Yalkut Yosef (Yoreh Deah, Chelek Beit, pag 211) fala em ser próximo da metade, O Rav Ovadiah Yosef falava em 30% e dizia que mesmo que quisesse fazer chumrah, que não considere menos 10% como sendo miut haMatzui (Trazido no Tolaat Shani parte 1, pag. 91 dizendo que ouviu isso várias vezes diretamente do Rav Ovadiah Yosef), ou seja, que menos do que isso não é necessário verificar, nem mesmo leChumrah.

Assim como traz o Rivash fica a halacha na prática para os sefaradim (e.g. Rav Meir Mazuz - veMeshaneh Halachot 7:99) e para ashkenazim (e.g. Rav Eliezer Melamed - Peninei Halacha, Kashrut Beit, cap. 23). Contudo, há quem diga que devemos considerar como miut haMatzui a partir de 10% (e.g. Mishkenot Yakov, Yoreh Deah, 17), a partir de 5% ou até a partir de 1%. Dentre os ashkenazim, é difundido a chumrah de fazer com a partir de 10%.

A relevância dessa discussão é entender quando a halacha nos exige fazer a verificação nos casos que tolaim não são encontrados na maioria das vezes. Lembrando que, se pela halacha não há exigência de verificação e a pessoa comer algum tolai sem ver nem saber, **não há nenhuma transgressão.**

Além da discussão sobre o percentual (e mesmo se é legítimo estabelecermos um percentual), há uma discussão sobre como aplicá-lo. Peguemos morangos, por exemplo. Devemos pegar um determinado número de morangos e aplicar o percentual? A lógica dita isso. Mas, há quem diga, leChumra, que devemos aplicar o conceito para uma caixa inteira de morangos como se fosse um só morango.

O mesmo se dá com grãos, por exemplo. A lógica dita que devemos considerar a quantidade de grãos para uma porção/refeição e assim é a halacha. Contudo, há quem queira, leChumrah considerar todo o saco de arroz, mesmo que seja um saco grande de 5kg. Isso é muito relevante e faz uma diferença gigantesca.

Por exemplo, peguemos uma caixa de aproximadamente 1kg de morangos que contenha 40 morangos. Pela halacha, se encontramos tolaim em menos de 12 morangos, sequer há obrigação de verificar. Contudo, se considerarmos a caixa de morangos como a medida de unidade e sempre há um ou dois morangos com tolaim (2.5% ou 5% dos morangos), não somente isso não entrará

no critério de Miut haMatzui, mas será considerado como tendo **chazakah de infestação!** Seguindo essa visão, se em 100 caixas (4000 morangos) encontrarem 1 bicho em cada uma de 11 caixas diferentes, irão dizer que é Miut haMatzui, mesmo que os tolaim somente apareçam em 0.27% dos morangos!

Finalmente, há a questão de diferenciar (ou não) o produto em função do seu tipo de cultivo, da área cultivada, do tempo em estoque e da umidade do ar no local de estoque e venda. Em uma pesquisa feita há poucos anos em Israel, descobriu-se que 17% dos morangos tinham tolaim. Contudo, quando se considerava somente cultivo feito por judeus esse número caía para 6%. O tempo de estoque antes do consumo também pode influenciar.

Conclusão: Quando alguém fala sobre Miut haMatzui, a quantidade a partir da qual temos que lekatchilah verificar, há de se ter claro o que a pessoa quer dizer uma vez que a halacha exige somente a partir de 30-40% de casos com tolaim da quantidade para uma refeição/porção. Esse percentual pode (e deve) ser dimensionado pela pessoa em sua própria prática na cozinha e com os alimentos que normalmente compra e, a sua prática na cozinha a partir dos alimentos que ela compra e do modo que estoca e usa. Em função desse dimensionamento (que deve ser feito repetidas vezes), a pessoa pode estabelecer se o percentual é menor do que miut haMatzui (e sequer precisa de verificação), se é miut haMatzui (e precisa de verificação, ainda que se cozinhou e misturou, é permitido comer) ou se há chazakah de infestação (isto é, maioria das vezes com tolaim, o que exige a verificação e, mesmo se cozinhou, não se pode consumir sem antes verificar).

C – Minha opinião sobre a carta

C1 – A falta de clareza - Recomendação ou Obrigação? Chumrah ou Halacha?

O problema mais imediato é o da falta de clareza. A carta começa dizendo que é uma recomendação (“os *rabanim* **recomendam** aos estabelecimentos *kasher* e ao público em geral *seguir as orientações que se seguem na lista anexa*”), mas logo em seguida passa a exigir tal procedimento (“De agora em diante, **deverão** *seguir as novas orientações em anexo*”).

Seria tudo simplesmente uma recomendação, isto é, uma mera sugestão ou conselho, que de forma alguma é obrigatória para quem quer que seja?

Ou, pelo contrário, é tudo um dever, isto é, uma obrigação que agora deve ser seguida por todos?

Uma vez que as orientações falam claramente em *alimentos que não **devem** ser consumidos* e uma vez que os restaurantes estão sendo **obrigados** a retirar produtos do cardápio, não há dúvidas que não se trata de recomendação, mas sim de uma **imposição**. No caso, a palavra **recomendação** deve ser tomada no sentido de uma **ordem**. A carta, pois, está dizendo que adotar tal medida é uma obrigação.

Apesar desse uso ser um dos empregos do vocábulo na língua portuguesa, ele é definitivamente não é *usual* ao falarmos de rabinos e no contexto gera uma desnecessária confusão. Essa confusão se dá por um outro motivo: em lugar algum os signatários dizem se essa obrigação agora imposta é uma halacha e todo aquele que a descumprir estará fazendo uma transgressão ou se é uma chumra que eles querem impor à comunidade.

Quem lê a carta e não conhece de modo mais pormenorizado as halachot de kashrut em geral e de tolaim em particular pode ser levado a acreditar que está diante de algo obrigatório de acordo com a halacha e não de chumrot. Mas, isso é falso.

Sendo, portanto, uma chumra, fica a pergunta se é sequer apropriado fazê-la?

C2 – Quando se é apropriado fazer chumrot? Por que não devemos fazer essa chumra?

É possível escrever um livro inteiro para responder essa pergunta pois muito já se escreveu, há um spectrum enorme de possibilidades e, para cada uma delas, há uma série de premissas que devem ser consideradas. Contudo, há certos elementos que, creio eu, são aceitos por todos que tenham bom senso. Resumo esses elementos nas seguintes quatro situações que não devemos exigir chumrot.

A primeira delas, é não exigir chumrot se ela irá causar prejuízo financeiro a terceiros.

A segundo delas, não exigir chumrot que, embora não causem prejuízo financeiro, causem outros tipos de prejuízo, seja pela dificuldade, pelo medo de não conseguir fazer, pelas conseqüências espirituais, etc.

A terceira delas, não exigir chumrot que causem um afastamento entre as pessoas em função dos que cumprem ou não cumpre essas chumrot.

A quarta delas, não exigir chumrot a partir de reformas na halacha tal como praticada ao longo de todas as gerações.

Defendo firmemente que se **há qualquer um** desses aspectos, fazer essa chumrah é desaconselhável. Contudo, a “recomendação” da carta implica em uma exigência que se enquadra em **TODAS AS QUATRO** situações. Irei mencioná-las uma a uma.

SITUAÇÃO NÚMERO 1 – Não exigir chumrot se ela irá causar prejuízo financeiro a terceiros.

Já ouvi de mais de uma pessoa que jogou comida fora. Há quem tenha jogado quase um salário mínimo de comida recém-chegada do mercado fora. Enquanto mil reais podem ser irrelevantes para muitos, também em nossa comunidade há quem tenha o dinheiro contado e cada real pode fazer diferença. A decisão de forma direta afeta todos aqueles que têm em casa produtos que repentinamente não podem ser mais usados. O prejuízo é imediato.

O prejuízo ainda maior recai sobre os restaurantes. De um dia para o outro, tiveram que jogar fora mercadoria recém-comprada e precisaram mudar seus cardápios. A mudança no cardápio certamente não agradou os clientes que não dão importância a essa chumra (seja porque compreendem a halacha e não têm o menor interesse em seguir essa chumra, seja porque não dão importância a halacha de modo geral) e esses clientes podem decidir gastar dinheiro em outro lugar. De fato, ouvi testemunhos diretos que o movimento em alguns desses restaurantes caiu.

No Brasil, o dono de um restaurante já tem inúmeras dificuldades: diversos impostos que é obrigado a pagar, taxas e licenças, algumas das quais são arcaicas e desnecessárias, financiamentos, juros, inflação. Além disso, a concorrência com restaurantes não kasher (pois nem todos os clientes freqüentam exclusivamente restaurantes kasher), o custo de mashgichim e do próprio hechsher é algo exclusivo de quem tem um restaurante kasher.

Essa nova regra, coloca uma dor de cabeça a mais onde não havia nenhuma, diminui o número de alimentos que o restaurante pode oferecer, força a modificação de um cardápio já conhecido dos clientes e esse tipo de situação influencia na fidelidade do cliente e, conseqüentemente, na rentabilidade do seu dono. De nada adianta dizer que em algum momento

haverá uma produção especial. Quando houver, não há nenhuma garantia que o cliente que uma vez abandonou irá retornar.

O prejuízo também é para os mashgichim. Há quem, por décadas estava apto a ser mashgiach e sempre fez seu trabalho de forma exemplar. Com uma canetada, se viu inapto a continuar seu trabalho, se não fizer um curso sob a orientação de uma pessoa que foi empossada do poder de permitir que o mashgiach possa ou não voltar a fazer o trabalho que realizava há anos.

Isso é reserva de mercado feita sob o disfarce da halacha, que tem como consequência dar um poder ainda maior para quem estiver por detrás de tal curso.

Finalmente, os custos diretos e indiretos dessa reforma são incertos e, portanto, é possível que os restaurantes não tenham condição de absorver os custos e acabem repassando na parte ou no todo para os clientes.

SITUAÇÃO NÚMERO 2 - não exigir chumrot que, embora não causem prejuízo financeiro, causem outros tipos de prejuízo, seja pela dificuldade, pelo medo de não conseguir fazer, etc.

Saindo do âmbito financeiro, temos que considerar o que fazer com a pessoa que normalmente verifica alimentos em sua casa. De uma hora para outra, não terá condições de preparar a mesma salada ou o mesmo prato que até pouco tempo fazia, obrigando que a pessoa faça um treinamento especial. Se a pessoa está fazendo essa aprendizagem por acreditar que sem isso sua comida não será mais kasher e, se não fosse o caso, não faria e continuaria verificando e cozinhando como sempre fez, ela está sendo enganada.

Para muitos, isso poderá significar uma mudança completa do cardápio de casa, por vezes para alternativas menos saudáveis em função do medo causado por uma informação que não distingue chumra de halacha.

Não podemos ignorar as pessoas que podem ficar realmente incomodadas e estressadas com essa repentina obrigação, fazendo-as sentir que a kashrut de sua casa está em risco salvo se elas não se sujeitarem a uma reeducação trazida pelos seus ‘benfeitores’.

Finalmente, não podemos esquecer todos aqueles que estão em processo de teshuvah e ainda começando a cumprir com as halachot de kashrut. A nova exigência colocará uma barreira ainda maior em uma comunidade que sempre luta contra a assimilação e contra o afastamento da Torá. Esse tipo de chumra será uma mão que afasta e não uma que aproxima.

SITUAÇÃO NÚMERO 3 - não exigir chumrot que causem um afastamento entre as pessoas em função dos que cumprem ou não cumpre essas chumrot.

Talvez a consequência mais triste e devastadora desse tipo de chumra é o aumento da divisão e do afastamento entre as pessoas. Infelizmente, esse tipo de coação em nome da halacha significa a criação de dois grupos distintos: os que seguem a chumra e os que não seguem. Quem segue não irá comer mais na casa de quem não segue com medo de tolaim. Todo aquele que receber uma visita poderá ficar com receio de ouvir uma pergunta sobre o tipo de verificação de tolaim que ele faz ou se ele tem em casa este ou aquele produto a tal ponto que acabe evitando de chamar certos convidados.

Ao mesmo tempo, quem resolveu fazer a chumra e, pior ainda, quem a faz por estar sendo enganado e acreditando que isso é estritamente necessário, poderá não querer ir mais na casa de

certas pessoas por achar que eles também não fazem a chumra e não querer perguntar ou “não querer arriscar”.

E assim por diante, fazendo que o povo fique cada vez mais dividido e desunido. Enquanto as halachot de Bishul haKum foram feitas por nossos sábios para nos afastar de um contato mais íntimo com os não judeus, quem levanta a bandeira dessa chumra está fazendo a mesma coisa para dentro do nosso povo.

Infelizmente, nada disso é inédito na comunidade. A briga estúpida com relação a supervisão do leite e a situação – igualmente estúpida – que até hoje há quem não vá para a casa de quem compra qualquer alimento com a hashgacha da BDK. É uma VERGONHA e a atual situação só irá aumentá-la.

SITUAÇÃO NÚMERO 4 - não exigir chumrot a partir de reformas na halacha tal como praticada ao longo de todas as gerações.

Finalmente, qual a mensagem que passamos ao proibir algo que sempre foi permitido e feito pelos nossos pais, avós, bisavós e demais antepassados? Pelos grandes rabinos das gerações anteriores? O que isso fala da nossa Torá?

Será que alguém, em sã consciência, irá defender que, em termos absolutos, durante milhares de anos o povo não cumpria kashrut de forma tão completa como fazemos hoje em dia?! Os que defendem uma asneira dessas são poucos, mas eu já ouvi de alguns que seriamente acreditam que o que nossos pais, avós e demais rabinos de gerações anteriores faziam é insuficiente hoje em outras questões de kashrut (merece um artigo inteiro a parte). Quem faz esse tipo de reforma na halacha, denigre as gerações anteriores.

Por fim, o Pitchei Teshuva (Yoreh Deah 115:10) diz que quem faz chumrot contra coisas básicas onde não vimos tanaim e amoraim fazendo chumrot está fazendo algo similar a apikorsut.

C3 – Tudo feito com a melhor das intenções

Me asseguraram que a vinda do rabino que deu origem a essas chumrot foi apoiada por rabinos e patrocinada por mecenas da comunidade que fizeram com a melhor das intenções: melhorar o nível da kashrut conscientizando as pessoas sobre esses pequeníssimos tolaim para em seguida passar a fazer uma produção nacional de alguns desses produtos que passaram a ser proibidos.

A intenção deles não seria de ganhar dinheiro visto que mesmo um eventual lucro dessa operação é irrelevante para quem está financiando. A intenção seria “somente” proibir algo que não é estritamente proibido para depois oferecer um outro produto como sendo permitido. Como o segundo produto se encaixará dentro das chumrot que agora são impostas, isso é visto como *um crescimento no nível da kashrut da comunidade*.

Para que esse suposto crescimento espiritual ocorra, pessoas terão prejuízo, restaurantes terão prejuízo, mashguichim terão prejuízo e aumentaremos o afastamento entre as pessoas. E, mais, nada disso é colocado como uma chumra, mas como pura e simples obrigação.

Por fim, mesmo que quem esteja financiando isso não tenha nenhum benefício financeiro, o mesmo não é verdadeiro sobre o capital social. Isto é, ser conhecido como a pessoa em última instância responsável por “elucidar” para a comunidade a necessidade da nova chumra e por criar uma solução para um problema que, até então, não existia.

Para além de honrarias, respeito e influência, há de considerar que os rabinos favoráveis a esse tipo de imposição halachica ficarão com mais poder uma vez que ficará pairando a ameaça de ostracismo aos que não cumprirem com essa chumra. Perdem os rabinos com uma visão mais moderada e que sempre buscam equilibrar o que é realmente necessário de acordo com a halacha com as inúmeras dificuldades que os judeus religiosos enfrentam no dia-a-dia. Esses rabinos terão que escolher muitas vezes entre sacrificar a própria honestidade intelectual para não se colocar como uma visão divergente e sofrer retaliações em função disso. Quem perde é a comunidade como um todo.

PALAVRAS FINAIS

Esta carta foi escrita para os meus alunos e amigos e me pediram uma opinião mais detalhada dessa carta publicada. Tudo o que está escrito foi feito por mim e somente minha é a responsabilidade do conteúdo. Aproveito a oportunidade para dizer que ela pode ser divulgada publicamente desde que sem alterações.